

O HOMEM DE "FACHADA" EM NIETZSCHE

VALTERLAN TOMAZ CORREIA - Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Resumo: *O presente texto tem como proposta demonstrar e discutir a problemática da hipocrisia do ser humano consigo mesmo e com o outro. Os homens são seres de demasiado orgulho e buscam subterfúgios nas tentativas de não se mostrarem como verdadeiramente são. Estão envolvidos na dissimulação corriqueira do dia-dia e na imediatez dos interesses particulares, onde são enganados pela cobiça dos seus próprios corações carentes de dignidade, principalmente, para consigo mesmo. Homens de consciência limitada e pensamentos frívolos, desatentos do quanto são egoístas, ignorantes e cheios de si, típico dos tolos e fanáticos, os quais se refugiam na angústia pérfida do seu ser hipócrita. Em Assim falou Zaratustra, Nietzsche reconhece que todos os homens são por demais "mascarados", e assim, nos leva a compreender o homem como um indivíduo de caráter atrofiado e medíocre. Por conseguinte, analisaremos outras obras de Nietzsche que expressam a mesma temática, esse homem que se reinventa todos os dias, a fim de se preservar e se safar de muitas circunstâncias. Mas como se livrar deste homem impostor que habita em nós? Como superá-lo? Superando a si mesmo?! Talvez essa "fachada" não seja de todo ruim, quem sabe até os homens não a tenham como fator de autopreservação?! Certamente seremos andarilhos, mas não solitários nesta trajetória, no intuito de desvencilhar o caráter e hipocrisia do ser humano.*

Palavras-chave: Fachada. Nietzsche. Autopreservação.

Abstract: *This study aims to demonstrate and discuss the proposed issue of the hypocrisy of the human being with yourself and with others. Men are creatures of pride and too seek subterfuges in attempts to not show as they truly are. Are involved in ordinary day - day masking and immediacy of private interests, which are fooled by lust of their own hearts deprived of dignity, mostly to himself. Men of limited awareness and frivolous thoughts, unaware of how much they are selfish, ignorant and full of themselves, typical of fools and fanatics, who take refuge in the anguish of his perfidious be hypocritical. In Thus Spoke Zarathustra, Nietzsche recognizes that all men are too "masked", and thus leads us to understand man as a person of character and mediocre stunted. Therefore, we will examine other works of Nietzsche expressing the same theme, this man who reinvents itself every day, in order to preserve and get away with many circumstances. But how to get rid of this man impostor who dwells in us? How to overcome it? Overcoming yourself! Perhaps this "facade" is not all bad, maybe even men do not have self-preservation as a factor? Certainly we will be wanderers, but not lonely in this pathway in order to disentangle the character and hypocrisy of human beings.*

Key Words: Facade, Nietzsche, self-preservation.

1. Preocupação em esconder e preservar o aspecto real

[...] Muito do interior do homem é como a ostra, ou seja, repugnante, escorregadio e difícil de agarrar –, de maneira que uma casca nobre, com nobres adornos, precisa interceder a seu favor. Mas também essa arte se deve aprender, a de ter casca, aparência formosa [...]. (Nietzsche, 2011, pp. 184-185).

Assim como a casca, a fachada também tem a tarefa de esconder, proteger e embelezar algo. Esse conjunto de atitudes não é exclusivamente do homem, mas nos parece que é, principalmente e inteligentemente, da natureza¹, e o é justamente porque há uma preocupação em esconder parte de si para se preservar. Seus impulsos a qualquer momento e em qualquer direção são necessariamente para manter-se vivo. Neste sentido de autopreservação, o homem equipara-se aos animais, seu agir animalesco, sobretudo, lhe possibilita ludibriar para manter-se vivo. Enquanto o camaleão se camufla para escapar de seu predador ou capturar sua preza, este se torna engano, isto é, aquilo que evidentemente poderia não sê-lo, é o que se é de verdade; sendo necessário um olhar mais preciso para identificá-lo. Esse disfarce que aparenta o que ele não é, na verdade é inerente a ele; o homem se comporta da mesma maneira, sua camuflagem é um misto de gestos, palavras e atitudes capazes de ocultar quem ele é de verdade para o outro. No entanto, é no intelecto que ele articula naturalmente esse processo enganoso de seu ser.

Nietzsche atribui ao intelecto uma função importantíssima, que é a de resguardar o indivíduo a qualquer custo. Todos os homens se utilizam desse benefício, com ou sem receio, no intuito de conservarem-se, especificamente os homens mais fracos, diz ele em *Sobre Verdade e Mentira No Sentido Extra-Moral*. E diz mais:

O intelecto, como um meio para a conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam, aqueles aos quais está vedado travar uma luta pela existência com chifres ou presas aguçadas. No homem essa arte do disfarce chega a seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, mentir e ludibriar, o falar-por-trás-das-costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de si mesmo, em suma, o constante bater de asas em torno dessa única

1 Tomamos aqui a definição dada no Abbagnano: “A natureza é o princípio e a causa do movimento e repouso da coisa à qual ela inere primeiramente e por si, e não por acidente [...] A natureza também pode ser matéria, a admitir-se, como faziam os pré-socráticos, que a matéria tem em si própria um princípio de movimento e de mutação; mas é realmente esse mesmo princípio, portanto a forma ou a substância em virtude da qual a coisa se desenvolve e torna-se o que é”. (Abbagnano, 2007, p.814). Também levamos em consideração a definição que Nietzsche faz da vida como vontade criadora, a qual desemboca na vontade de poder. Sendo assim, para o homem tornar-se o que é, deve se deixar levar pela espontaneidade, um trâmite da própria natureza, tanto do mundo físico, quanto da vida em geral. Ou seja, a natureza universal e a natureza particular de cada indivíduo. “É em nossa natureza selvagem que melhor nos restabelecemos de nosso movimento antinatural, de nossa espiritualidade”. (Nietzsche, 2000, p.10).

chama que é a vaidade, é a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais inconcebível do que como pôde aparecer entre os homens um honesto e puro impulso à verdade. (Nietzsche, 1978, pp. 45-46).

Não é sem razão que Nietzsche define o homem como um ser imundo. Em suas palavras Em *Assim falou Zaratustra*, ele afirma: “Na verdade, um rio imundo é o homem” (Nietzsche, 2011, p. 14). Esse rio que equivale ao caráter misterioso do ser humano, também é o rio do esclarecimento a cerca do seu mais obscuro segredo.

Nietzsche nos possibilita perscrutar esse homem sem ser invasivo, por um processo corriqueiro do dia-dia, isto é, de uma análise na própria convivência com o outro. Nesse sentido, o convívio é também o início do desvendamento, a consciência de que, quanto mais o tempo passa, mais se descobre a respeito do verdadeiro ser por trás da máscara. Uma vez que o homem não é sustentador de uma farsa que dure uma vida inteira. Justamente por ser superficial, deixa brechas de dúvidas no falar e no agir.

Ó ser humano, singular criatura! Ruído em becos escuros! Agora te achas novamente detrás de mim: – meu maior perigo se acha detrás de mim! Poupar e compadecer sempre foi meu maior perigo – e todo ser humano quer ser poupado e compadecido. Com verdade contidas, com mãos de tolo e coração tolamente enamorado, e pródigo nas pequenas mentiras da compaixão: – assim sempre vivi entre os homens. Disfarçado me sentava entre eles, disposto a me desconhecer para melhor suportar a eles, e de bom grado me dizendo: “tolos, não conheceis os homens”. Desaprende-se a conhecer os homens ao viver entre eles: há “fachada” em demasia em todos os homens. (Nietzsche, 2011, pp. 176-177).

O desaprender ganha aqui o sentido do reaprender, já que se soube algo de novo e verdadeiro no indivíduo, que a priori pensava-se conhecer, enquanto este se mantém envolto à máscara. Portanto, o desaprender é o mesmo que tomar consciência do comportamento humano, enxergar os pequenos lapsos e neuras, é saber que o homem é inconstante, que ele não é como ou quem se apresenta; que ele é sempre levado por inumeráveis motivos (interesses) agentes de sua camuflagem. E por ser camuflado torna-se volúvel, mentiroso, omissos, astuto; um perigo. Como julgou Zaratustra, dizendo: “Achei mais perigo entre os homens do que entre os animais (Nietzsche, 2011, p. 25).” além de: “Quem quiser tudo compreender nos homens, precisaria tudo acometer” (Nietzsche, 2011, p.176). Nietzsche não deixa sombra de dúvida que o homem é sim perigoso, mas que deve ser compreendido na sua forma natural de ser. E, por conseguinte, são nos momentos de angústia e encurrallamento que ele revela verdadeiramente seu caráter, que por vezes o desmascara. Contudo, sua artimanha encontra a válvula de escape necessária para lidar com os problemas do dia-dia, sendo e utilizando o tempo todo, a fachada como escudo.

2. O interesse como agente do agir hipócrita

A “fachada” certamente deturpa a verdadeira personalidade, mas não a verdadeira intenção. Ainda que o homem não compreenda bem tais interesses, são eles que os fazem relacionar-se. “Podemos mentir com a boca, mas com a expressão da boca ao mentir dizemos a verdade.” (Nietzsche, 2005, p.72). Ao que parece, a relação não é anterior ao interesse, evidentemente que não, ela é sempre posterior. O filósofo aponta esse interesse como uma forma de fidelidade a si mesmo e antes de tudo à vida.

O homem vive numa sociedade que o entedia, o oprime e o confunde, onde os infortúnios e tudo mais lhe servem de oportunidades para vir a crescer e viver melhor. Nietzsche acreditava que o mal se faz necessário para o desenvolvimento do homem (superação). É a vida que se reinventa tantas vezes quanto for possível para ser mais digna, mais feliz, e mais vívida. É preciso ter consciência de que os problemas são transitórios. Mas, apesar de tudo, o apego de poder ser o que se deseja ser é levado em consideração. O interesse aqui se faz necessário e urgente. “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de poder!” (Nietzsche, 2011, p. 110). Uma pessoa que não tem vontade perde-se na vida e perde a vida também. É o interesse que revigora o indivíduo e o faz triunfar. Para Nietzsche, não há triunfo sem esforço, que por vezes são sofrimentos.

Mas vamos usar aqui o próprio filósofo como exemplo desse interesse como agente do agir hipócrita – Ele que por vezes cobrou a verdade, se sujeitou à mentira (fachada) para revelá-la. São várias as obras e passagens que Nietzsche aponta essa ideia, como em “*O nascimento da tragédia*”, onde ele diz: “ Se a mentira é necessária para viver, até isso faz parte desse caráter terrível e problemático da existência”. (Nietzsche, 1978, p. 27). Mas, ele vai ser mais preciso ao dizer sem qualquer pudor:

[...] O que sabeis vós, o que poderíeis saber, do quanto há de arдил de autoconservação, do quanto há de razão e cuidado superior em um tal auto-engano – e de quanta falsidade eu ainda necessito, para poder permitir-me sempre de novo o luxo de minha veracidade? [...] – E foi assim que certa vez, quando precisei disso, inventei para mim também os “espíritos livres”, aos quais é dedicado este livro gravemente corajoso com o título: *Humano, Demasiado Humano*: tais “espíritos livres” não há, não havia – mas daquela vez, como disse, eu precisava deles como companhia, para permanecer de bom trato em meio aos maus tratos (doença, isolamento, estrangeiro, acedia, inatividade: como bravos companheiros e fantasmas, com os quais se tagarela e ri quando se tem disposição para tagarelar e rir, e que se manda ao diabo quando se tornam enfadonhos – como uma indenização pela falta de amigos. (Nietzsche, 1978, p. 86).

Fazer-se mentiroso para não morrer nem deixar outros morrerem de tédio, ou da verdade, eis a tarefa de Nietzsche. Quando se notou necessário falar a verdade para obter-se a verdade, assim ele o fez, mas se por ventura precisasse da mentira para se obter a verdade, da mesma maneira ele se propunha a fazer, talvez uma última tentativa, embora nos pareça contraditória, de resgatar a verdade. Desta forma “todos os caminhos levam-nos às verdades”, posto que elas sejam antes de tudo, verdades necessárias para a existência. Quanto a isso, não houve constrangimento da parte dele. Nesse sentido pergunta Nietzsche, o que é a verdade? E responde em seguida:

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. Continuamos ainda sem saber de onde provém o impulso à verdade: pois até agora só ouvimos falar da obrigação que a sociedade, para existir, estabelece: de dizer a verdade, isto é, de usar as metáforas usuais, portanto, expresso moralmente: da obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos. Ora, o homem esquece sem dúvida que é assim que se passa com ele: mente, pois, da maneira designada, inconscientemente por esse esquecimento e segundo hábitos seculares – e justamente por essa inconsciência, justamente por esse esquecimento, chega ao sentimento da verdade. No sentimento de está obrigado a designar uma coisa como “vermelha”, outra como “fria”, uma terceira como “muda”, desperta uma emoção que se refere moralmente à verdade: a partir da oposição ao mentiroso, em que ninguém confia, que todos excluem, o homem demonstra a si mesmo o que há de honrado, digno de confiança e útil na verdade. (Nietzsche, 1978, pp. 48-49).

Entendemos que as verdades estabelecidas pela sociedade são para Nietzsche ilusões. O homem não se importa com essas ilusões tidas como “verdades”, o que o preocupa são as consequências dessas “verdades” (Nietzsche, 1978). Entretanto, o homem precisou estabelecer o que era para ele verdade, pois só assim ele poderia identificar o que seria mentira. Pode se considerar que tanto a mentira quanto a verdade em sociedade nos parece uma incógnita, já que nenhuma nem outra têm o seu valor pela sua essência, mas sim pelo que a sociedade moralmente designou. Talvez a proposta de Nietzsche fosse especificamente a de afirmar tudo que outrora a sociedade havia negado, e essa negação advém da particularidade do indivíduo, que por ter seus interesses pessoais burla a verdade, a inverte, e a submete à sua vontade.

3. O poeta complacente e uma verdade para o mundo

“[...] Pretendente da verdade – tu?” – assim zombavam eles – Não! Apenas poeta! Um bicho, ardiloso, de rapina, insinuante, Que tem de mentir, Que ciente, voluntariamente tem de mentir, Ávido de presa, Disfarçado de cores, para si mesmo um disfarce, Para si mesmo uma presa, Isso – pretendente da verdade?... Apenas louco! Apenas poeta! Falando somente coisas coloridas, Falando a partir de máscaras de tolo, Subindo por mentirosas pontes de palavras, por arco-íris de mentiras, Entre falsos céus [...] Que eu seja banido de toda verdade, Apenas tolo! Apenas poeta!” (Nietzsche, 2011, pp. 285-286).

O que parece contraditório ganha maior sentido no cenário da vida. Em *Além do bem e do mal* parágrafo 27, ele não quer saber de ser compreendido, é um fingidor; mas na verdade, quer, precisa e deseja ser compreendido, para que, enfim, o homem se torne superior. Seu real interesse está em elevar o homem. Mas impulsioná-lo para cima é tarefa árdua, pois esse não parece querer se tornar “grande”. A tentativa de fazer com que ele veja a vida com maior sentido deve partir tão somente dele, e é aí que o homem passa pelo processo de transmutação, para que só assim, a vida exista nele.

Aquele que afirma a vida na sua totalidade é também aquele que joga frequentemente, e o joga com estilo, são os subterfúgios do homem. Nietzsche com muita sagacidade diz: “Não estamos sempre sentados a uma mesa onde se joga e se zomba?” (Nietzsche, 2011, p. 278). A situação do homem se complica, quando ele tem de lidar com o outro, que é também pensante e fingidor, pois o perigo escondido no seu semelhante não é facilmente identificado, como já foi dito anteriormente. O homem é uma ficção, que olhado fixamente por outro ângulo mostra outras verdades (caráter real). Todos fazem parte desse jogo, contudo é o poeta que consegue jogar melhor tal jogo. Pois este tem a seu favor uma fachada mais incrementada que qualquer outra, isto é, a indignação de viver o real numa vida irreal, nos fazendo entender que o poeta é sempre fingidor. E como disse Nietzsche em *Além do bem e do mal* “[...] ninguém mente tanto como o indignado”. Este de tanto se indignar acaba por cínico, naturalmente cínico e “vivo”.

O cinismo é a única forma sob a qual as almas vulgares se aproximam do que seja a honestidade; e o homem superior terá os ouvidos atentos para todo cinismo grosseiro ou sutil, e se felicitará toda vez que um bufão sem pudor ou um sátiro da ciência prostrar diante dele. (Nietzsche, 2005, pp. 31-32).

A descoberta é imediata, pois o cínico sabe que tudo que ele é e faz, também é o proceder do outro. Como um pseudointelectual, que diz três palavrinhas rebuscadas num período cômico em que se debruçou sobre o livro e se acha o maior entre os ignorantes e abestalhados. Nesse caso há sempre

um mais cínico que o desmascara. Nietzsche nos dá um exemplo: quando Zaratustra se encontra com o feiticeiro e o reconhece. Diz ele: “[...] “Alto lá”, gritava-lhe, com furiosa risada, “alto lá, ó ator! Falsário! Mentiroso inveterado! Eu te reconheço! [...]” (Nietzsche, 2011, p. 242). Como também: “Em verdade, encheis a boca de palavras nobres: e devemos acreditar que o vosso coração transborda, ó grandes mentirosos” (Nietzsche, 2011, p. 117). Há, no entanto vários modos de mentiras, assim como há muitos modos de verdades, mas a mentira e a verdade do poeta são mais convincentes porque nelas há o jogo aberto e real da vida, e que também tem a sua reviravolta no próprio devir, podendo vir a ter múltiplas possibilidades que faça com que o homem as viva em plenitude, independentemente das circunstâncias. É essa a vida que oferece ao homem dor e prazer e isto lhe deve ser natural (Nietzsche, 2005). Nesse sentido o poeta quer se revelar para o mundo sem as exigências da verdade ou a frustração da mentira. O poeta é cínico por ser poeta e poeta por ser cínico, nele não existe medo nem ilusão, tudo lhe é possível.

Então disse o feiticeiro a Zaratustra:

[...] ó Zaratustra! Fiz isso apenas de brincadeira! Isso faz parte de minha arte; eu quis te pôr à prova, ao te dar essa mostra! E, em verdade, penetraste meus pensamentos! Mas tu também – deste de ti uma boa mostra: és duro, sábio Zaratustra! Duramente me golpeaste com tuas ‘verdades’, teu porrete extrai de mim – essa verdade (Nietzsche, 2011, p. 242).

Mas logo em seguida Zaratustra lhe responde:

Falsário ruim, como poderias ser diferente? Maquiarias tua própria doença, se te despiesses para teu próprio médico. E maquiaste para mim tua mentira quando disseste: ‘fiz isso *apenas* de brincadeira!’. Haia também *seriedade* nisso, *tens* mesmo algo de um penitente espírito! Já te adivinho: vieste a ser o enfeitiçador de todos, mas não te resta mas nenhuma mentira ou astúcia para ti mesmo – és desencantado contigo mesmo! (Nietzsche, 2011, p. 243).

O poeta no seu ato tenta transmitir verdadeiramente a farsa que o homem vive independentemente de mentiras ou verdades, pois o valor dessas duas vertentes a respeito da vida são questionáveis.

Se observarmos a vida de Nietzsche, veremos que ele joga o tempo todo com as palavras na tentativa de que venhamos a identificá-lo e entendê-lo. Afinal quem é Nietzsche? O que ele quer que descubramos? Nietzsche é também poeta, e, portanto, fingidor. Ele quer que saibamos que há valor nas verdades não tidas como verdades, ou melhor, tidas como mentiras, e que elas devem ser antes de tudo analisadas e ponderadas, a fim de que desvencilhemos com critério mais conclusivo o que é de fato verdade ou mentira. A inversão dos valores, ou transvaloração dos valores, é também a destruição,

quem sabe a golpes de martelos, para que num determinado momento o que é verdade se desencubra do véu que o encobria. Pois para ele o que os homens têm como verdade não passava de ilusão.

Com sua poesia, o poeta faz um estardalhaço, na tentativa de abrir os olhos do homem, mas não de qualquer homem, e sim do homem que viesse a superar todos esses valores decadentes, do homem que superasse uma sociedade inclinada para todo tipo de ilusões. E não faltou ao poeta ironia, firmeza e vontade.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. W. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. **Obras incompletas**. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: “Os Pensadores”. São Paul: Abril Cultural, 1978.

_____. **Além do bem e do Mal**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. **Humano, Demasiado Humano**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhias de Bolso, 2005.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.